

CURRÍCULO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM FÍSICA E PEDAGOGIA/UFPI

Luciana Alves de Oliveira¹, Nathaly Santos Ferraz¹, Francisca Ellen Oliveira Nascimento², Karinne da Cunha Sousa³, Hilda Mara Lopes Araújo⁴

Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Petrônio Portella/ <http://www.ufpi.br/>

Introdução

O presente artigo tem por objetivos identificar a questão de gênero nos cursos de Licenciatura em Física e Pedagogia, analisar, criticamente, o perfil formativo dos discentes, considerando suas competências e habilidades e comparar princípios curriculares com base nos projetos pedagógicos de cada curso. O estudo em destaque foi movido pelo desejo de ampliar e aprofundar os conhecimentos aprendidos acerca do tema, exposto e discutido em sala durante as aulas e execução de seminários temáticos no decurso da disciplina Teorias de Currículo e Sociedade, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí.

Nossa questão de partida deu-se a partir da seguinte inquietação do grupo: Que relações podemos estabelecer entre currículo e gênero nos cursos de licenciatura tipificados pelas prevalências de sexo existentes entre eles?

Em consonância com os teóricos Sardenberg e Macedo (2008) que destacam a conceituação de gênero como uma construção social para além dos avanços teórico-metodológicos, onde a conotação prático-política, se configura como um instrumento científico de legitimação das lutas femininas, tanto na sociedade quanto no campo da produção de conhecimentos sobre tal realidade, partimos do pressuposto que a forte relação de poder do currículo existente nas licenciaturas, refletem e influenciam na construção de currículos fechados.

Utilizamos como campo de pesquisa o Centro de Ciências da Educação (CCE) e Centro de Ciências da Natureza (CCN), da Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Petrônio Portella. Os partícipes da pesquisa são: Murilo e Cícera, graduandos do curso de Física e Vitoria e Paulo, graduandos dos cursos de Pedagogia, os quais foram apresentados com nomes fictícios com o propósito de preservar suas identidades.

A escolha dessas licenciaturas deu-se por meio da incidência de mulheres no curso de Pedagogia e de homens e no Curso de Licenciatura em Física. Constatamos por meio análise

documentais e visitas aos respectivos Centros antes das entrevistas que a evasão do sexo não prevalente nos cursos (masculino-física) e (feminino-pedagogia), essas ocorrências se fizeram parte das motivações para os estudos de currículo e gênero.

Nesse sentido, o currículo é pensado como um elemento que não é neutro na transmissão do conhecimento social, sendo percebido como um elemento implicado em relações de poder e que transmite visões sociais particulares e interessadas, produzindo identidades individuais e sociais particulares.

Em concordância com o que apontam Moreira e Silva (1999), entendemos que o currículo é um artefato social e cultural e, desse modo, como campo de construção e produção de significações e sentido, torna-se assim um terreno central para a discussão das relações de poder (FOUCAULT, 2002). Os sentidos atribuídos a “masculinização” e “feminização” dos cursos pesquisados foram constatados através das frechas, rasuras, vozes e silêncios, presente nessas licenciaturas, e a importância do currículo nessa perspectiva.

Em síntese, buscamos captar, por meio das falas dos estudantes, os dilemas, as necessidades e, com este estudo, objetivamos provocar reflexões sobre currículo e relações de gênero que permeiam o ambiente acadêmico.

Percurso Metodológico

O estudo foi alicerçado na Abordagem Qualitativa Minayo (2001), pois este tipo de pesquisa responde às questões que não podem ser quantificadas, pelo seu caráter inerente, particular e subjetivo dos sujeitos da pesquisa. Nessa perspectiva, para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Os sentidos e mais aspectos a serem desvelados por meio dessa abordagem de pesquisa serão fatores constituintes na compreensão da realidade do campo de pesquisa, que resultará na construção de novos conhecimentos.

Para compreensão adequada do currículo, utilizamos das análises documentais dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) dos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Física e entrevista semiestruturada. Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de

entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. As abordagens metodológicas realizadas permitiram compreender os estigmas que se coloca na sociedade contemporânea, sobretudo no que diz respeito às questões de gênero e influências do currículo nestas questões. Entendemos que este trabalho, ao priorizar as relações de gêneros e influência do currículo nessas perspectivas, traz discussões sobre o currículo instituído, compreendido como currículo real, formal, aprovado pelas instâncias burocráticas e o instituinte, que não está escrito necessariamente, desvelado nas brechas, nas entrelinhas, nos ditos e não-ditos.

Resultados e Discussão

Currículo Instituído e o Instituinte: implicações sobre gênero no cenário acadêmico

O currículo é o termo em permanente discussão, e permanece gerando vários significados nos diversos contextos educativos. No âmbito da entrevista aos licenciandos entrelaçado as análises dos projetos políticos pedagógicos dos cursos, percebeu-se os desdobramentos do currículo que definiremos aqui como currículo instituído e currículo instituinte, sendo o primeiro entendido como currículo real, formal, aprovado pelas instâncias burocráticas e o instituinte, que não está escrito necessariamente, desvelado nas brechas, nas entrelinhas, nos ditos e não-ditos.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Pedagogia, assim como a estrutura curricular do Curso passaram por reformulações, e tais mudanças buscaram superar as limitações do currículo em vigor e propõem a formação de um Pedagogo apto a lidar com a transformação do conhecimento e das práticas educativas no contexto atual. Assim, as alterações a serem implementadas apresentam inovações em relação ao currículo vigentes, exigência da definição de uma nova estrutura curricular.

O PPP apresenta-se então como um instrumento que tem como propósito a explicitação dos fundamentos teórico-metodológicos, dos objetivos, do tipo de organização e das formas de implementação e de avaliação institucional de maneira orgânica, consciente, refletida e coletiva. Nessa perspectiva, analisamos alguns pontos do projeto, contrastando as respostas dos discentes a fim de desvelar os sentidos atribuídos aos discentes diante de tais afirmativas do currículo instituído. No que concerne à especificidade como curso de formação de profissionais da educação, o PPP do curso de Pedagogia da UFPI infere que:

O currículo se volta para a formação do Pedagogo como o profissional capacitado para atuar em diferentes situações educativas, seja na escola, fora dela, na docência ou na área técnica, com condições de intervir de forma competente, onde haja atividade educativa.

A proposta curricular afirma a área de atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Reportando-nos para os primeiros anos escolares, que compreendem da pré-escola aos anos iniciais do ensino fundamental, nota-se que o posto de educador e auxiliares de professores são ocupados majoritariamente por mulheres. A partir desse fato, Paulo ao ser indagado se ele observa alguma influência e/ou abordagem do currículo, que democratize a oportunidade de emprego, também na educação infantil, responde que “educação infantil é um campo de atuação muito bonito, mas o currículo leva o público masculino para a gestão escolar mesmo”. Ele ainda complementa que “o curso não foi minha primeira opção, aprendi a gostar, hoje não o trocaria”.

Paulo completa afirmando que “a educação infantil ainda é muito associada ao cuidar, por isso o lado feminino tão forte”. Vitória, também estudante de Pedagogia, expressa que “os homens da minha turma mostram mais interesse pela área de gestão educacional, acredito que seja por não ter essa questão do gênero muito forte, por se sentirem mais aptos à isso, e se algum deles tem essa vontade de estar na sala com crianças, não evidenciam”. Diante dos depoimentos percebeu-se que o currículo prescrito, instituído, distancia-se do currículo em ação o instituinte, no que se refere a construção de um currículo que abranja os anseios de seus estudantes de forma integral, garantindo e oportunizando ao estudante, o direito de atuação na área que lhe tem mais afinidade.

Nesse sentido, o currículo deve ser pensado numa emergente mudança que busque a ruptura dos paradigmas instaurados, a fim de moldar-se a partir das demandas em relação ao campo de atual profissional e as escolhas de área de atuação do egresso. Tendo em vista que o perfil do egresso segundo o PPP de Pedagogia, abrange a possibilidade de atuação nas áreas de educação infantil, educação básica e gestão escolar, sem qualquer distinção de gênero.

Agora nos reportando ao curso de Física, considerando o perfil do Curso, é definido segundo as diretrizes curriculares para o Curso de Física (CNE/CES 1.304/2001):

O projeto pedagógico do Curso deve ser flexível e pautado em fornecer aos alunos meios de levá-los a ter uma visão crítica e ampla dos conteúdos básicos e profissionais, inerentes ao licenciado em Física. O processo de formação deve ser contínuo, autônomo e permanente, com uma sólida formação básica, de modo a preparar o licenciado para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, domínio de tecnologias, do mercado de trabalho e das condições de exercício profissional.

Ao ser indagado, sobre a satisfação em relação às disciplinas, e abordagem dessas disciplinas em sala de aula, Murilo expressa que:

“No primeiro período, era difícil, não só as disciplinas e como são ministradas e também pra gente se adaptar vindo do ensino médio pra cá, nós viemos com a mentalidade muito diferente ai quando ‘cai’ num curso como física, a pessoa tem que mudar, ou muda ou fica quando ‘cai’ num curso como física. Por enquanto tá legal, e tem também a questão da turma, antes mista, aqui homogênea, só homens”.

Podemos perceber na fala do estudante, em primeiro momento sobre o encontrar-se “perdido” quando na condição de calouro, sentido dificuldades no acompanhamento das disciplinas. O currículo instituído instaura-se de forma fechada, não atendendo as primeiras necessidades enquanto iniciante. Os sentidos atribuídos a fala do estudante Murilo quando ele acrescentou, “[...] o ensino é muito técnico, e minha maior dificuldade tem sido aliar a teoria com a prática”. Houve também uma comparação com a última experiência do estudante em espaço de aprendizagem formal ter sido o ensino médio e, principalmente, a ausência de mulheres no Curso de graduação, questionamos se ele teria alguma suposição acerca disso, em resposta ele expressa:

“Existe um mito de que o curso de física é difícil, e por isso que tem mais homens, e as mulheres não pegam o curso de física, por acharem difícil. Não concordo que essa questão de homens terem mais facilidades de aprender cálculos todos tem a mesma capacidade de aprender. [...]No curso ou você “estuda ou estuda”. Tem disciplinas onde só passa dois alunos ou três, não tem essa de tirar 6,9 a média é 7, ele não vai dar um décimo, mas isso não acontece pelo fato de sermos homens, isso acontece para poder tirar essa mania do ensino médio”.

Analisando o discurso percebe-se um currículo rígido, conservador, nos moldes tradicionais. Conforme indicado pela autora Canen (2005), a questão do múltiplo, plural, do diverso, bem como das discriminações e preconceitos a ela associados, passar a exigir respostas, no caso da educação, que preparem futuras gerações para lidar com sociedades cada vez mais desiguais. Nesse sentido, a autora aponta a existência de uma cobrança da educação, mais especificamente, do currículo, onde grande parte daquelas que são percebidas como medidas para formação de cidadãos abertos ao mundo, flexíveis em seus valores, tolerantes e democráticos.

Currículo de Física: Um artefato masculinizado?

É notável a diferença de gênero existente entre os cursos de graduação, a qual se expressa tanto pelas desiguais proporções entre jovens do sexo feminino e masculino, quanto pelos símbolos que permeiam o exercício de cada tipo de profissão. Sabe-se que os cursos “de exatas”, como o curso de Física, analisado neste estudo, contam com presença masculina bastante expressiva, ao passo que no curso de pedagogia são bastante feminilizados.

Acerca disso, indagamos a Murilo, sua opinião sobre essa constatação e se há algum que fator que acarrete nessa predominância masculina no curso de Física da UFPI, ele expressou-se “o curso tem essa característica masculinizada, acho que pela forma que os conteúdos são abordados, a maneira que o curso é conduzido, de forma bruta, em sua maioria, acho que isso causa um desconforto nas mulheres”. Cícera, também estudante do mesmo curso, infere que “vejo a diferença quando vou para o outro centro pagar as disciplinas pedagógicas, até a forma que as salas são organizadas é diferente, sinto que as pessoas lá se enturmam mais” completa ainda que, “os professores são extremamente conservadores em sua maioria, numa forma rígida de ensinar”

Nesse sentido, percebemos a noção de currículo como artefato meramente técnico, neutro, e partir dos desafios propostos particularmente pela teorização crítica, que foi possível evidenciar as relações de poder à base das escolhas curriculares e da seleção de conhecimentos científicos.

Diante do exposto, apoiamos sobre os conhecimentos teóricos em Silva (2005) ao propor a construção de um currículo que simplesmente fizesse uma inversão do currículo oficial, mas em construir currículos que refletissem, de forma equilibrada, tanto experiência masculina quanto a feminina.

Consideramos ainda que seria desejável que todas as pessoas cultivassem características que normalmente são consideradas como pertencendo a apenas a um dos gêneros. Algumas qualidades consideradas masculinas seriam, entretanto, claramente menos desejáveis que as femininas, como é o caso, por exemplo, da necessidade de controle e domínio (SILVA, 2005, p.94).



Disciplinas Pedagógicas e Pedagogia Feminista

Considerando a perspectiva histórica, o curso de Pedagogia, assim como os outros cursos de Licenciatura, era voltado para o público feminino. Comparado ao trabalho do lar, por estar relacionado ao ato do cuidar, do infantil, assim o magistério era visto como uma extensão do trabalho doméstico, envolvido numa prática que resultava basicamente atividades tidas como afazeres femininos.

Através desse pressuposto, indagamos sobre esse ponto de vista social, e parcialmente empírico, que veem o curso de pedagogia como um curso de graduação voltado para o público feminino. Acerca disso, Paulo, estudante do curso de Pedagogia, cursando o 4º período, expôs:

“Discordo totalmente. Acho uma ideia decadente e tão do século XIX. Inicialmente, a história da Educação nos mostra isso, a Pedagogia foi estratégia de emancipação do sexo feminino pela aceitação e vinculação da profissão docente como de fato atributo feminino [...] Hoje, a mulher mudou e o homem também mudou, já não cabe trazer as questões de gênero como algo cristalizado, devemos passar a enxergar os profissionais vistos pela ótica de suas capacidades e não mais por “convenções sociais”.

Compreendemos a partir da fala do estudante que são os modos pelos quais as características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade em uma dada cultura, em determinado momento histórico (MEYER, 2010).

A sociedade compõem-se de acordo com as características do gênero dominante, isto é, o masculino. Na análise feminista, não existe nada de mais masculino, por exemplo, do que a própria ciência (SILVA, 2005). O autor apresenta a ciência como artefato masculinizado, expressa pois, uma forma de conhecer que supõe uma separação rígida entre sujeito e objeto, partindo do impulso de domínio e controle sobre a natureza e sobre os seres humanos. O autor em contrapartida analisa a perspectiva feminista como uma reviravolta epistemológica, no sentido de trazer novos significados à ciência, adotando como atributo feminino a capacidade de ampliar os *insights* desenvolvidos em certa vertentes do marxismo e na sociedade do conhecimento.

Silva (2005) expõe ainda que os arranjos sociais e as formas de conhecimento existentes são aparentemente apenas humanos: eles refletem a história e a experiência do ser humano em geral, sem distinção de gênero. O que as análises feministas vai questionar é precisamente essa parcial neutralidade em termos de gênero.

Assim, os sentidos desvelados acerca da concepção natural da diferença entre os sexos, as estudiosas feministas, concretizaram mutações no modelo da ciência moderna, que através de seu esquema metodológico e epistemológico não traduzia as questões levantadas pelos estudos de gênero, e expressaram na prática da pesquisa novos parâmetros paradigmáticos para a reflexão nas Ciências Humanas (PEREIRA, 2004).

Outro fator que nos chamou atenção a ser investigado é a questão das disciplinas pedagógicas, e o nível de relevância pelos graduandos em Física para sua formação docente. Para tanto, ao indagarmos Murilo e Cícera sobre como é visto por ele as disciplinas pedagógicas em contraste com as disciplinas específicas no curso e qual a importância dessas disciplinas, que tratam especificamente do âmbito educacional que vai desde o conhecimento do funcionamento de uma escola ao conhecimento das práticas educacionais, da realidade da educação no país, enfim, dos possíveis assuntos cabíveis à educação.

Em resposta Murilo expressou-se, “tenho muitas dificuldades com essas matérias, principalmente seminários e a matéria de filosofia, acho muito importante e acho relevante para o nosso papel de ser professor”. Cícera, também estudante do curso de Licenciatura em Física, comenta que “algumas são importantes, outras não, didática e psicologia da educação são bem relevantes, [...] história e filosofia da educação não, porque a gente não vai utilizar a história da educação em sala de aula, poderia ser a história voltada para o contexto geral do curso, como a história de vida dos físicos”.

Ainda discutindo esse ponto, dirigimos agora a mesma pergunta à um estudante do curso de Pedagogia, nesse contexto, Paulo coloca que “toda a matriz curricular no que se refere as disciplinas pedagógicas das demais licenciaturas são apenas um pouco da complexidade do curso de pedagogia, percebo que muitas licenciaturas focam mais nas específicas e dão uma ‘pincelada’ nas matérias pedagógicas, formando professores despreparados para diversas situações no espaço escolar”.

Esta diferenciação percebida entre disciplinas pedagógicas e específicas é um ato feito naturalmente pelos próprios acadêmicos e, de fato, é possível distingui-las segundo o seu caráter. Neste caso, as pedagógicas tratam de conteúdos que devem perpassar todas as licenciaturas,

enquanto que as específicas tratam de conteúdos que são tratados dentro de da sua respectiva licenciatura. É justamente por isso que é possível notar um comportamento peculiar dos acadêmicos de Física referente a estes dois tipos de disciplinas, enquanto os acadêmicos de Pedagogia, têm consigo a consciência da relevância dessas disciplinas e a apropriação dos conhecimentos apresentados por ela, visto que os dois cursos oferecem a habilitação para o trabalho no espaço escolar. Com as falas dos estudantes de Física foi possível observar que a maioria dos alunos tem uma visão negativa a respeito das disciplinas pedagógicas e que estas deveriam dar lugar a mais disciplinas específicas.

Isso geralmente ocorre pelo fato de os alunos se identificarem com questões relativas ao curso escolhido e querer ao mesmo tempo ser professor. Mas a vontade de aprofundar-se nas questões relativas ao curso, através das disciplinas específicas, acaba tornando “chatas” as questões pedagógicas. Por exemplo, Cícera em seu depoimento não vê sentido em estudar história da educação, e sugere aliar a proposta curricular da disciplina de história da educação ao contexto histórico do seu curso, sobre a vida dos físicos. Nesse momento, o currículo mostrou-se fortemente presente com os anseios específicos da estudante, trazendo, inconscientemente, por ela a ideia da visão sistêmica, onde os conhecimentos são interligados como teias, unindo saberes interdisciplinares.

Considerações Finais

Nosso estudo iniciou com o objetivo de identificar a questão de gênero nos cursos de Licenciatura em Física e Pedagogia, analisando criticamente o perfil formativo dos discentes, comparando os princípios curriculares com base nos projetos pedagógicos de cada Curso. Nesse sentido, a pesquisa evidenciou a ampliação e aprofundamento dos conhecimentos apreendidos acerca das experiências vivenciadas na disciplina Teorias de Currículo e Sociedade, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí.

Assim, ficaram destacados por meio das falas dos estudantes entrevistados, discursos arraigados de sentidos frente às relações percebidas entre currículo e gênero, ficou exposto que há uma distinção tão expressiva quanto a prevalência masculina e feminina no quadro dos referidos Cursos de graduação da UFPI. Neste contexto, o conceito de gênero relacionado ao currículo passou a englobar as diversas formas de construção social, cultural e linguística implicadas com processos

que diferenciam homens e mulheres, e que tais implicações resultam em caminhos influenciados por essa relação discutida neste estudo.

Diante das considerações supracitadas, compreendemos os processos de construção destas percebidas entre homens e mulheres, aproximam-se de abordagens que consideram que as instituições, os símbolos, as normas e os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino e também produzem e/ou ressignificam suas representações no ambiente acadêmico e posteriormente, nos caminhos profissionais trilhados após a graduação.

REFERÊNCIAS

CANEN, A. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Org.). **Currículo: debates contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.174-195.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MACEDO, M. S; SARDENBERG, C. M. B. **II Seminário Nacional Feminismo no Brasil e XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre mulher e relações de gênero**. 2008.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

PEREIRA, M.Z.C. **Globalização e Políticas Curriculares: mudanças nas práticas**. In: PACHECO, José Augusto; MORGADO, José Carlos e MOREIRA, Antônio Flávio. (orgs.) **Globalização e (Des)Igualdades: Desafios Contemporâneos**. Porto : Porto Editora, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.